



Jackson Buonocore

Sociólogo, psicanalista e escritor
 buonocorejcb@gmail.com

As opiniões estúpidas

O filósofo Platão separa opinião e conhecimento a partir de critérios como estabilidade, fundamento e objeto. O conhecimento é estável, baseado em argumentos válidos, enquanto a opinião está associada à ignorância, que, por sua vez, representa ausência de contato com a verdade sobre determinado tema.

Assim, Platão entende que a opinião ou “doxa” é influenciada por aparências, costumes e percepções imediatas, sem respaldo racional sólido. Já o conhecimento é ligado à episteme, exige compreensão segura e

orientada ao que não muda, como as ideias.

Hoje, as opiniões nas redes sociais são compartilhadas sem verificação, as quais se constituem apenas em boatos. É como disse o cientista planetário Carl Sagan: “Nada me perturba mais do que a glorificação da estupidez.”

Para o teólogo Dietrich Bonhoeffer, a estupidez não é necessariamente uma deficiência intelectual, mas uma falha moral. Em outras palavras, as opiniões estúpidas são um fenômeno social que vai além da simples falta

de inteligência, ou seja, é gente incapaz de pensar criticamente.

Porém, existe o gozo psíquico em dar opiniões estúpidas, preferindo a segurança de uma crença reducionista à complexidade do conhecimento, o que cria “câmaras de eco online” que não aceitam ideias diferentes.

Por isso, a literacia midiática é uma ferramenta fundamental para análise crítica, produção ética e participação cívica capaz de transformar as opiniões estúpidas em entendimento mais consistente, neutralizando a desinformação no ambiente digital.

Promotor de Justiça aposentado
 ivar4hartmann@gmail.com



Ivar Hartmann

Tragédias previstas na água

A cultura grega influenciou a romana. E, a romana, todo nosso mundo ocidental. Uma das lendas gregas que ainda hoje é lembrada é a do Fio de Ariadne. Um jovem grego foi mandado a Creta, como parte do tributo anual devido pelos gregos ao rei da ilha. Lá eram sacrificados a um monstro, Minotauro, em uma profunda caverna, onde perdiam o rumo em seus labirintos. Ariadne, a filha de um destes reis, se apaixona por um destes gregos, Teseu. Dá-lhe uma adaga e um novelo de lã, que ele deve ir desenrolando, à medida que entra pelos labirintos. Teseu

consegue matar o monstro e retorna, graças ao caminho do fio que fora soltando pelo chão. O mito passou a história como o Fio de Ariadne. Leva a muitas conclusões. A primeira delas é que devemos agir com prudência, com prevenção, para evitar riscos futuros.

Exatamente o que nem sempre ocorre no Brasil nos meses de verão. Adultos que entram mar adentro sem obedecer aos sinais do perigo de repuxo. Maus nadadores que confiam em vencer as ondas. Crianças que nadam sozinhas em piscinas que nem são tão profundas. Brincadeiras simulando afogamento.

Ou demonstrações de quem fica mais tempo sem respirar embaixo da água. Nada de maior, não fora o imprevisto. Que começa com um descuido e, no desenrolar do fio, vira uma tragédia.

Todo o ano a água cobra vidas. E quase sempre a imprudência está presente. Tive um amigo que, sem saber nadar, se afogou ao tentar salvar o filho no mar. Piscinas públicas, controladas por salva-vidas que, em um instante, veem alguém afogado. Piscinas particulares, onde crianças fogem dos olhos dos pais e perdem a vida de maneira estúpida. Tragédias anunciadas.



D. João Francisco Salm

Bispo de Novo Hamburgo
 domjfsalm@diocesenh.org.br

Ele me alcançou primeiro

Por que Jesus quis iniciar toda a sua pregação dizendo “Convertei-vos”? Fez deste imperativo o ponto de partida e a chave para entender toda a sua missão. É uma ordem que não deixa de despertar algum temor. Porém, o que segue deixa tudo claro: “Porque o Reino dos Céus está próximo”.

Mateus introduziu essas palavras de Jesus citando o profeta Isaías: “O povo que vivia nas trevas viu uma grande luz e, para os que viviam na região escura da morte, brilhou uma luz” (Cfr. Mt 4,12-23). Assim, o que Jesus ordena recebe novas cores: Levanta os olhos e vê!

Volta o olhar para a luz porque a luz já está aqui. Deus se fez próximo, Ele te envolve, está dentro de ti, cresce em ti.

A conversão não é a causa da luz; é o efeito. É tua noite tocada pela alegria da luz. O que converte o frio em calor é a proximidade do fogo.

Nós sempre pensamos que encontrar Deus seria a consequência dos nossos esforços por mudar de vida. Mas, um Deus que seguisse os mesmos critérios do mundo seria uma boa notícia? Um Deus que retribuísse conforme nossas ações traria algo novo?

Jesus mostra que o movimento é exa-

tamente o inverso: é Ele que me encontra, que me alcança, que me habita. Gratuitamente. Antes de eu fazer alguma coisa, antes de eu ser bom. A verdade é que nós estamos mergulhados num mar de amor, sem disso nos darmos conta. E quando, finalmente, me dou conta, começa a conversão: mudo de vida, mudo de luz, mudo a minha maneira de entender as coisas. Cai o véu dos olhos, como aconteceu com Paulo no caminho de Damasco. Abandono os barcos, como os quatro pescadores, troco as pequenas redes por algo muito maior.

Eu, fotógrafo

Envie sua fotografia (preferencialmente horizontal) para vidareal@grupposinos.com.br

Belo flamboyant
 clicado no bairro
 Genuíno Sampaio
 em Campo Bom.

Maribel Müller
 Taquara



Os artigos publicados nesta página são opiniões pessoais e de inteira responsabilidade de seus autores. Por razões de clareza ou espaço poderão ser publicados resumidamente, o tamanho é de até 1.600 caracteres com espaço. Artigos podem ser enviados para opiniao@grupposinos.com.br.

abc+

Mais artigos em
 abcmas.com/
 opiniao

Jorge Antônio Mendes

Escritor
 jorgemendes2017@hotmail.com



Planos de cada dia

É interessante as crenças das pessoas que as coisas vão dar certo dentro de seus entendimentos e perspectivas. Algo está enraizado em suas vidas fazendo com que sempre tenham esperanças de que tudo vai melhorar.

A coisa complica um pouquinho, pois, o que é bom para uns, para outros pode não ser. Alguns, os rotulados como egoístas, pensam que somente atingirão seus objetivos de felicidade se outros contribuírem com isto, vide exemplo, os que praticam falcatrias para conseguir dinheiro e mais dinheiro, a custa de outros, tais como os escândalos nacionais em que são surrupiados valores monetários que, num primeiro momento, seriam destinados aos anseios da população mais necessitada.

Quando do abrir os olhos numa manhã qualquer, surge o necessário pensar de como vai ser sua vida a partir daquele

momento, numa urgência já acostumada. É necessário fazer planos e, quando chegar a hora, agir, pois a vida não fica esperando pela decisão individual. Não adianta esperar que os outros decidam, mas, agir para que seus planos sejam concretizados diariamente ou num tempo posterior. Alguns não sabem o que fazer, ou quando fazer, e seus objetivos são postergados. Não resta alternativa e fazem planos menores e contam com a ajuda de Deus.

Causa um desalento ver pessoas lutando para conseguir uma alimentação decente e de outro lado pessoas mostrando, nas redes sociais, suas vidas maravilhosas. Será a ostentação um valor a ser buscado por todos?

A esperança, os planos, os sonhos dormem e acordam com todos. O mais difícil é entender os motivos de alguns serem mais fáceis do que outros para se concretizarem.

Heda Seffrin

Consultora de etiqueta e gastronomia
 heda@artecozinha.com.br



Cravo e canela

Quando, Jorge Amado, publicou o romance *Gabriela, Cravo e Canela*, rendeu homenagem a duas das mais populares personagens da culinária nacional: cravo e canela. Sem a perfumada dupla, doceiras e mestres-cucas do Oiapoque ao Chuí sentir-se-iam perdidos, pois raro é o prato regional em que não marca presença com toque inconfundível, cheio de mistério e sensualidade. Como condimentos, seu papel é realçar os atributos dos protagonistas da história. Sem eles, o que seria da Gabriela, ou da ambrósia, do doce de abóbora, ou do molho agri-doce e tantos manjares divinos?

A origem do cravo é remota. Ele surge nas Molucas, arquipélago vulcânico das Índias Orientais, pertencente à Indonésia. Segundo a tradição, o craveiro possui dons mágicos. Os egípcios, há 4 mil anos

usavam a canela para fazer perfumes. Os chineses consideravam a caneleira a árvore da vida, que crescia no Paraíso, jardim existente na cabeceira do Yang-Tsé.

No século 4, a fragrância picante do cravo invadiu a Europa, aromatizando a mesa dos banquetes reais. Cultivados no Brasil desde o século passado, ainda no tempo do império, a dupla invadiu a cozinha de casas e senzalas, com ambrósias portuguesas, canjicas e os brasileiros bolos de fubá. Quem não lembra com saudade do arroz-doce com canela e da cocada que vovô fazia?

Aromática, a dupla têm espaço na medicina popular: chá de canela usado para amenizar problemas de digestão. Do outro lado, o chá de cravo, recomendado pela medicina caseira para a tosse, pode trazer benefícios. É interessante!